

Atuação crítica: entrevistas da *Vintém* e outras conversas

SÉRGIO DE CARVALHO E COLABORADORES

Expressão Popular, 2009, 222p.

*Kátia Rodrigues Paranhos**

Por vezes condenada como escapista, noutras vezes incensada como ferramenta de libertação revolucionária, a arte, de modo geral, continua sendo um tema candente tanto na academia como fora dela. Não é à toa que Sérgio de Carvalho, diretor da Companhia do Latão, criada em 1997, e professor do curso de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo, levanta, logo no início desse livro, uma questão fundamental: “Qual a função da arte dentro do aparelho cultural capitalista?” (p.12).

A partir dessa indagação de caráter mais geral, está relacionada nesse trabalho uma série de entrevistas organizadas em quatro eixos temáticos: economia política, cinema, teatro e outras conversas. Algumas dessas conversas foram editadas na revista *Vintém*, publicação editorial surgida em 1998, concebida como uma produção de militância e engajamento do Latão, e que alia, de modo exemplar, crítica e reflexão sobre a sociedade atual. Para o grupo, esses diálogos têm um “sentido pedagógico”, qual seja: “aprender com o entrevistado”. Teoria e prática estão entrelaçadas, num movimento que objetiva a “construção de uma arte dialética” e de “uma ação cultural desalienante” (p.11).

* Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia; pesquisadora do CNPq e da Fapemig (e-mail: akparanhos@triang.com.br).

Aliás, não é demais lembrar que diferentes grupos teatrais, desde o final do século XIX, (re)colocam em cena movimentos a contrapelo ou, se quiser, exercícios de experimentação, marcas de outro tipo de teatralidade, de uma outra estética e – por que não dizer? – de uma outra forma de intervenção no campo social. Voltando a atenção para o teatro norte-americano da primeira metade do século XX, podem-se recontar várias histórias. Basta retomar o movimento teatral dos trabalhadores norte-americanos, atirados ao esquecimento pela tradição que concebeu a história e a estética oficiais do teatro. Grupos teatrais como o *Artef* (1925), *Workers Drama League* (1926), *Workers Laboratory Theatre* (1930) e *Group Theatre* (1931) mostravam não apenas as suas ligações com os anarquistas, socialistas e comunistas como também registravam as influências das propostas do teatro político de Piscator.

No Brasil, é interessante assinalar as experiências do teatro operário, do Arena, dos Centros Populares de Cultura (CPCs), do Oficina e do Opinião, em busca do político e do popular que carrearam um amplo movimento cultural que envolveu grupos, diretores, autores e elencos, conjunto este que sofreu um violento revés com o golpe militar e particularmente após o AI-5, em 1968.

Desse modo, os grupos de teatro do pós-1964, que combatiam tanto a ditadura como a censura imposta, atuavam frequentemente nas franjas do circuito cultural. Fazer teatro engajado naquele período era buscar outros lugares de encenação, assim como outros olhares sobre os anos de chumbo. Várias dessas companhias uniam arte e rebeldia política. Em Santo André foi fundado, em 1968, o Grupo de Teatro da Cidade (GTC), junto com outros grupos teatrais montados na periferia paulistana, tais como Núcleo Expressão de Osasco, Teatro-Circo Alegria dos Pobres, Núcleo Independente, Teatro União e Olho Vivo, Grupo de Teatro Forja e Engenho Teatral. Noutras regiões do país também surgiram experimentos importantes com o Teatro de Arena de Porto Alegre/TAPA (RS), o Grita (CE), o Oi Nós Aqui Traveiz (RS), o Tá na Rua (RJ) e o Galpão (MG).

Iná Camargo Costa, na orelha do livro, adverte que mesmo em “tempos de total colonização da sensibilidade e do imaginário pela indústria cultural; desafios práticos e teóricos [são] postos desde sempre aos que se dispõem a fazer teatro ou qualquer modalidade de arte consequente no Brasil”. Felizmente, apesar dos tempos modernos e das dificuldades advindas deles, as experiências teatrais na contramão do pensamento dominante continuam em pauta e na ordem do dia com incrível tenacidade. Fazer teatro em meio às pressões comerciais é, sem dúvida, uma forma de provocação, de insubordinação ao mercado das “paradas de sucesso”, da qual ainda se valem tanto o Teatro União e Olho Vivo (SP), o Engenho Teatral (SP), o Oi Nós Aqui Traveiz (RS), o Tá na Rua (RJ) e o Galpão (MG) como, a partir dos anos 1990, os paulistas Folias D’Arte, Companhia do Latão, Vertigem e Núcleo Bartolomeu de Depoimentos.

Cabe então salientar que as entrevistas aqui reunidas, que vão desde o exame do caráter global da economia, passando aos sentidos atuais do cinema, do teatro

e da televisão, têm como foco aglutinador a intenção de mapear a importância do questionamento formal dos modos de produção. Nesse sentido, para entrevistados e entrevistadores, a relevância política de determinados temas é tão necessária quanto a produção e divisão coletiva do trabalho e a sua vinculação aos movimentos sociais.

Assim sendo, no capítulo I, intitulado “Economia política”, Francisco de Oliveira e Jorge Grespan abordam os contraditórios processos da racionalidade burguesa no país, motivando reflexões que, como afirma Sérgio de Carvalho, são profundamente inspiradoras para a dramaturgia da Companhia do Latão.

Tal abordagem insinua um questionamento: o que fazer diante da engrenagem destrutiva do neoliberalismo na qual “existe gente que está destinada, desde que nasceu, a não se integrar nunca mais”? É nesse cenário que “a exclusão no campo simbólico ameaça direitos humanos, direitos civis, direitos políticos e direitos sociais” (p.24). Corroborando a afirmação de Francisco de Oliveira, Jorge Grespan emenda: “o que a gente tem é a situação que a Rosa Luxemburgo descreveu tão bem, de socialismo ou barbárie” (p.44).

No capítulo II, “Cinema”, chama a atenção, entre outras coisas, a expressão “estética do *iceberg*”, usada por Jean-Claude Bernardet ao relacionar a escolha do tema e a busca de forma. Essa expressão, que considero uma síntese de procedimentos artísticos, demonstra o quanto os artistas, de um modo geral, têm de levar em consideração “que a preocupação de dialogar com a sociedade não é temática, mas formal. É a estrutura que dialoga com a sociedade” (p.60).

De que adianta tomar, como objeto, determinado tema social e enquadrá-lo numa perspectiva pragmática e/ou de resultados? É só lembrar, nessa direção, do filme de ação *Cidade de Deus*. O que interessa também é como alcançar esse destinatário, desconstruindo formatos consagrados. Ismail Xavier reelabora ainda mais essa afirmação ao destacar que “os cineastas que estão conseguindo ser mais inventivos na forma são aqueles que tentam novas recusas do padrão hegemônico de dramaturgia. Procuram vincular forma e situação histórica” (p.79).

No capítulo III, “Teatro”, Iná Camargo Costa adverte que “o modo de produção tem a ver com a visibilidade do que você faz. Mas o problema surge quando o questionamento do modo de produção não está vinculado a um movimento social relevante. (...) Quando não se participa de um movimento coletivo, o importante é tentar entender o que se passa” (p.98-9). Essa ideia de certa tradição de resistência contra uma ordem existente, de perturbação moral e política, está presente nas falas de outros personagens muito distintos entre si, como Gerd Bornheim, Ariano Suassuna e Matthias Langhoff.

No capítulo IV, “Outras conversas”, Sérgio de Carvalho reúne algumas entrevistas feitas por ele como jornalista em outros veículos de comunicação. As estrelas escolhidas foram Décio de Almeida Prado, Gianni Ratto – autor da frase “eu quero um teatro de ideias” (p.168) –, Ariane Mnouchkine, Jean-Claude Carrière, João Pedro Stedile, Ademar Bogo e Martelo.

Apesar das dificuldades cotidianas, ainda podemos respirar outros ares. Por isso mesmo, parafraseando Bertolt Brecht, apesar de tudo, mesmo quando somos derrotados, ainda temos a alternativa da lucidez. Dito de outra maneira, apesar do capitalismo selvagem – perdoe-me a redundância –, o que importa é continuar lutando para “entender o que se passa”.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. Resenha de: CARVALHO, Sérgio de et al. Atuação crítica: entrevistas da Vintém e outras conversas. São Paulo, Expressão Popular, 2009, 222p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.30, 2010, p.142-145.

Palavras-chave: Arte; Teatro; Política; Capitalismo.